

Melhorando a qualidade dos Periquitos Ondulados Ingleses

décima sétima parte

Dr. Emerson J. Prates - Juiz OBJO/FOB

17. Os Inos

Entre os inos há as variedades denominadas lutinos, albinos e creminos. Incluem-se aqui também os rendados. Os lutinos possuem uma série separada dos albinos e creminos que por sua vez concorrem juntos nos torneios ornitológicos. Os rendados também possuem uma série separada e inclui os rendados amarelos, brancos e cremes. Lembremos que os creminos ou cremes correspondem aos inos que são faces amarelas ingleses ou faces amarelas tipo dois ou ainda os golden faces, respectivamente com tons amarelos mais intensos. Normalmente os creminos encontrados são faces amarelas ingleses (que nos periquitos normais possuem o amarelo mais claro que nas outras duas variedades de faces amarelas).

Entre os inos, são os lutinos que parecem chamar mais a atenção dos criadores e correspondem a variedade preferida. Para produzir lutinos de cores mais intensas há alguns caminhos que durante meus 25 anos de criador cuidadosamente testei e que não são encontradas em nenhuma referência em língua inglesa. São descobertas inteiramente minhas, de um brasileiro nesse caso. A série dos rendados também desafia os criadores melhoradores ao exigir nitidez na cor das marcações, além de manter a coloração intensa das plumas do corpo. Os rendados devem ser considerados inos por resultarem da combinação entre a mutação das asas canelas e dos inos. Ainda, paralela a mutação discutida, temos os corpos claros do Texas que fazem uma série de alelos múltiplos com os inos.

Neste artigo todos os segredos para melhorar a cor dos inos serão revelados. Mais uma vez reforço a importância de melhoramento da qualidade das aves do plantel nacional. Nenhum segredo deve ser guardado a sete chaves.

17.1. Características da variedade

O ino (em inglês Lutino ou Albino, escreve-se como no português) figura como uma das mutações tradicionais do periquito inglês. Os lutinos resultam da mutação inicial e corresponde a série verde e os albinos são produzidos da combinação entre ino e da mutação que resulta na cor azul irisada (que na realidade é a perda pigmento amarelo que faz surgir o azul que não existe na



realidade - cor virtual - produzida pela decomposição da luz branca nas células das penas do periquito). Há ainda os creminos ou albinos faces-amarelas que possuem, além da combinação das duas mutações mencionadas a expressão do faces amarelas (ou seja, temos aqui três mutações em conjunto).

Os inos podem expressar sutilmente outras mutações como o fator escuro, o violeta, o verde cinza (ou cinza), o asas canelas, o AR e o opalino. Publiquei um artigo anterior sobre a visão macro da distribuição da melanina da plumagem dos periquitos e

que jamais foi mencionada pelos ingleses ou outros especialistas. O melhoramento da aparência da cor e textura de plumagens dos lutinos e albinos pode ser realizada pela combinação com mutações diferentes como explicarei no decorrer do texto.

Os inos em geral possuem características distintas dos periquitos normais que são os olhos vermelhos com íris nos adultos. O bico amarelo âmbar e patas rosadas. Os machos apresentam a carúncula rosada nos adultos e as fêmeas não diferem das normais nesse item. Nos lutinos as riscas faciais são prateadas e as voadeiras e cauda são brancas ou amareladas dependendo da variedade combinada. O restante da plumagem do corpo é amarela com ou sem infiltração azulada. Nos albinos a plumagem fica totalmente branca ou creme dependendo da situação.

Defeitos na cor são o desbotamento do amarelo ou manchas brancas em meio ao amarelo nos lutinos. Nos inos em geral as penas muito curtas, surgimento de colar marrom desbotado (que em nada se relaciona aos rendados), excesso de infiltração azulada são defeitos comuns. Lembremos que a cor dos inos vale 40 pontos.

Quanto ao surgimento da mutação há boas referências. A primeira menção foi feita em 1879 pelo Sr. van der Snickt criador de pombos da Bélgica. Ainda na Bélgica em 1881 Sr. Kessels criou 25 lutinos todos fêmeas. A mutação foi mencionada na Holanda em 1885 e na Inglaterra foi introduzida pela primeira vez em 1887 em Wiltshire pelo Sr. Arthur.

Outras menções foram feitas até 1930, ano em que o interesse pela mutação subitamente aumentou. Há registros em 1931 de Lutinos na criação do Sr. Stokes de Staffordshire e da Sra. Huntington em Warwick, entretanto, não se sabe se eram recessivos ou sexo-ligados.

Em setembro de 1931 o Sr. Böhm de Bawerk na Alemanha cria a primeira fêmea albina registrada no mundo. Ela foi produzida a partir de dois normais cobaltos portadores de esbranquiçado. No ano seguinte e precisamente no mês de agosto, o Sr. Mullis de Sussex cria a segunda albina sem conseguir fixar a variedade. Já, em 12 de setembro de 1932 o Sr. Fischer de Honow na Alemanha, cria a terceira albina a partir de um casal de normais celestes. Ambas as linhagens são fixadas na Alemanha e são perpetuadas por outros criadores como Kurt Kokemüller e o Sr. Schrapel, ambos de Hanover, os primeiros a descrever a hereditariedade da mutação. Eles criaram um quadro de cruzamentos prováveis para a mesma e publicaram, no final de 1933, em revista especializada alemã (Der Wellensittich, tradução "O Periquito").

O terceiro e último surgimento da mutação ino registrada em solo germânico, foi fixado a partir de uma lutina que nasceu em um viveiro (criação sem controle) em 1933 e pertencia ao Sr. Kuhlewein. Todos esses inos eram sexo-ligados e foram batizados de inos continentais pelos ingleses.

Os lutinos recessivos autossômicos foram fixados na Inglaterra ainda no início da década de 1930. Os criadores que simultaneamente fixaram a mutação britânica foram Walter Higham e Scott Camplin. Ainda na década de 1930, Tod Boyd importou lutinos continentais e os cruzou com os inos recessivos o que causou confusão inicial acerca da genética da mutação.

Atualmente todos os inos ingleses são sexo-ligados e descendem dos primeiros inos alemães. As linhagens brasileiras também são oriundas dos inos continentais e foram introduzidas no Brasil a partir de periquitos importados da Inglaterra.

Convém lembrar que a genética sexo-ligada é diferente da autossomal (cromossomos não sexuais) e há diferenças também entre as aves e mamíferos. Nos mamíferos temos o XX para a fêmea e o XY para o macho. Nas aves ocorre o inverso e recebe outra denominação, ZZ (correspondente ao XX) para o macho e ZW (correspondente ao XY) para a fêmea. Fica mais fácil dizer que quem define o sexo dos filhotes nos mamíferos é o macho e nas aves é a fêmea e ainda quem possui o cromossomo menor (Y e W) são macho e fêmea respectivamente nos mamíferos e aves.

O que muda em relação aos recessivos comuns é que na genética sexo ligada um

dos sexos precisa dois genes para expressar a mutação enquanto outro apenas um. Assim, para um periquito (ave) ser um ino macho ele vai precisar de dois genes ino enquanto as fêmeas para serem ino necessitam apenas de um.

17.2 - Melhoramento Genético

Na época em que comecei criar periquitos em 1984 os lutinos e albinos eram bem conhecidos dos criadores gaúchos e a predileção por eles era grande. Lembro muito bem da Sra. Zélia Leonardi Winkler que possuía um excelente plantel na época, com lutinos fantásticos que renderam muitos prêmios nos campeonatos estaduais.

Ela costumava fazer muitos cruzamentos com casais de lutinos e eventualmente utilizava portadores. Isso em nada prejudicava o porte de seus lutinos. Ela fazia, inclusive, alguns cruzamentos consangüíneos.

A Dona Zélia foi muito importante na minha fase inicial de criador e ensinou-me a apreciar os periquitos lutinos com muito gosto. Foi ela quem me levou pela primeira vez a uma exposição e acabei associando-me na AIC - Associação Ijuense de Caranicultures e participando de torneios na

“É desaconselhável utilizar o cruzamento de inos com inos até obtermos linhagem com plumagem farta, bom porte, boa cabeça e bons ombros nos anos subsequentes.”

referida associação.

Meu primeiro periquito campeão já na primeira exposição que participei foi exatamente uma fêmea lutina. Ela foi o melhor periquito da exposição e posteriormente foi a terceira melhor fêmea do Campeonato Estadual do RS em 1988. Essa fêmea era de linhagem de periquitos adquiridos da Dona Zélia.

Essa lutina tinha uma característica distinta. Seus olhos eram totalmente vermelhos sem íris mesmo depois de adulta e seu tom de amarelo era muito profundo além de ser realmente uma fêmea grande. Mais tarde descobri que ela além de lutina era também AR. Detalhe ela possuía irmãos Adeas e ARs. Naquela época os criadores

não eram tão criteriosos em separar as mutações como hoje em dia e, como criador iniciante, só mais tarde entendi a importância de manter linhagens individuais para as variedades.

O melhoramento genético da mutação passa por alguns vieses. Muitos inos e especialmente albinos tendem a ser pequenos em relação aos normais. No primeiro ano de criação sugiro utilizar apenas fêmeas ino com os melhores machos opalinos do plantel. O criador pode inserir também machos cintilantes e asas canelas na nova linhagem. Isso vale principalmente se o criador pretende criar lutinos. O objetivo é produzir vários machos portadores.

No segundo ano o criador deve acasalar os melhores machos portadores de ino, opalino e asas canelas com as melhores fêmeas do plantel visando produzir algumas fêmeas inos. Os machos portadores devem ser acasalados com fêmeas verde cinzas, cinzas, opalinas e com fator escuro. Sempre fêmeas com penas fartas.

No terceiro ano o criador já pode experimentar cruzar as fêmeas inos com os melhores portadores produzidos no segundo ano.

Sempre verificando as melhores combinações genéticas entre famílias.

A lógica dos próximos anos é produzir sempre inos e portadores. É desaconselhável utilizar o cruzamento de inos com inos até obtermos linhagem com plumagem farta, bom porte, boa cabeça e bons ombros nos anos subsequentes.

O segredo da intensidade do amarelo nos inos reside na produção de inos opalinos e com fator escuro. O opalino faz o amarelo invadir as voadeiras e cauda dando maior intensidade inicial nos tons amarelos da plumagem do periquito e deve ser procurado no momento inicial da seleção dos inos. Após termos lutinos opalinos deve ser introduzido o fator escuro. Ela vai deixar os tons amarelos dourados e reluzentes. Entretanto, deve-se ter muito cuidado na escolha dos verdes escuros utilizados. Não devem ter fator violeta, pois fará os lutinos resultantes apresentar forte infiltração azulada.

Inclusive, a infiltração azulada pode ser eliminada utilizando-se periquitos verde cinzas. Porém, o fator cinza quando for introduzido isoladamente nos lutinos pode causar o desbotamento dos tons amarelos. O ideal, portanto, é que nossos lutinos tenham uma combinação de opalino com fator escuro e fator cinza. Esses serão os lutinos perfeitos com amarelo muito intenso e com plumagem livre de infiltração.

Nunca se deve utilizar ARs, Adeas e outros arlequins para produzir lutinos. Essas mutações aumentam a intensidade do amarelo também, mas, podem causar diminuição no porte dos periquitos. Utilizar periquitos amarelos e esbranquiçados é outra prática não recomendada. Os ingleses costumavam utilizar amarelos (diluídos) para produzir lutinos imaginando que isso faria aumentar a intensidade dos tons amarelos. Esse é um raciocínio arcaico baseado ainda na crença da mistura de cores. Idéia anterior as descobertas de Mendel. Totalmente desaconselhável.

No meu trabalho de seleção obtive excelentes lutinos opalinos e com fator escuro rapidamente. Adquiri um macho opalino verde escuro portador de ino do meu amigo o Sr. Sanzogo de São Paulo. Os netos desse periquito foram campeões brasileiros em 2009 nas mãos do Sr. Antonio Cardoso de Florianópolis/SC. Eram lutinos muitos grandes e com amarelo muito intenso. Detalhe interessante que o casal adquirido pelo Sr. Cardoso produziu muitos albinos também. Tratava-se de um macho albino portador de rendado e uma fêmea lutino opalina (filha do macho opalino verde escuro e uma fêmea celeste).

O melhoramento genético dos albinos não é diferente do aconselhável para os lutinos e sugiro que, depois de estabelecida a linhagem dos lutinos, sejam produzidos os albinos pela introdução de periquitos azuis na linhagem dos inos. O fator opalino parece deixar a plumagem dos albinos com tom de branco

mais fechado. A regra de utilizar periquitos cinzas também é válida para evitar a infiltração de cor nas penas nos albinos.

O criador ainda pode criar uma linhagem separa de albinos e creminos se servindo apenas de periquitos cinzas, visando cultivar o melhor porte nos albinos. O fator cinza deixará os albinos livres de infiltração e manterá o bom porte caso os cinzas sejam de boa procedência.

Mais uma vez o grande desafio dos criadores será manter periquitos grandes, com boa cabeça e formato adequado do corpo somado a intensidade da cor dos inos de acordo com o que comentei ao longo do texto.

OBS: Tudo o que comentei aqui foi amplamente testado por mim e, portanto, não se trata de opinião de criadores estrangeiros. Nos artigos que tenho escrito procuro oferecer toda a experiência de criador que tenho vivenciado. Neste ano de 2010 estou iniciando uma nova criação de periquitos com um criador associado que será mostrada em um blog futuramente.

Resumo do texto:

1º - Os lutinos recessivos autossômicos e os lutinos sexo ligados (continentais) foram fixados na Europa no início de 1930.

2º - A mutação dos inos atuais é recessiva sexo ligada (situada cromossomo Z das aves), ou seja, apenas os machos são portadores. As fêmeas nunca serão portadoras de ino. Elas serão inos ou normais obrigatoriamente.

3º - A plumagem ideal dos inos deve ser

intensa, livre de marcações e infiltrações de qualquer natureza e confere 40 pontos nos julgamentos.

4º - Os lutinos são inos das séries verdes, os albinos são inos das séries azuis enquanto os creminos são inos da série faces amarelas.

5º - O fenótipo ideal de um lutino é o opalino verde cinza com fator escuro.

6º - O criador deve adicionar primeiramente a mutação opalino nas linhagens de lutinos para obter maior intensidade de cor. Mais tarde deve introduzir o fator escuro e por fim o fator cinza. O periquito deve ter todas as quatro mutações em conjunto para ser perfeito (ino, opalino, fator escuro e fator cinza).

7º - Outras mutações devem ser evitadas nas linhagens dos inos e quando detectadas devem ser prontamente eliminadas.

Referências:

Balser, C, "The New Varieties", The Budgerigar Bulletin (June 1935) (34): 81-82

Bland, W P, "A History of Budgerigars", The Budgerigar Bulletin (Mar 1962): 25-30
Elliot, F S, "An Albino Budgerigar", The Budgerigar Bulletin (Mar 1932): 7

Elliot, F S, "The New Varieties", The Budgerigar Bulletin (Sep 1934) (31): 97-98

Norman, P J, "The Lutino and Albino", The Budgerigar Bulletin (Dec 1949) (85)

Taylor, T G; Warner, C (1986), Genetics for Budgerigar Breeders (2nd ed.), The Budgerigar Society

Watmough, W (1951), The Cult of the Budgerigar (3rd ed.), Cage Birds

Anexo 1:

Quadro de Cruzamentos para os Inos	
Cruzamentos:	Expectativas:
Macho Ino (ino ino) × Fêmea Normal (ino ⁺ w)	50% Machos portadores de Ino (Ino ⁺ Ino) 50% Fêmeas Ino (Ino w)
Macho portador de Ino (ino ⁺ ino) × Fêmea Ino (ino w)	25% Machos portadores de Ino (ino ⁺ ino) 25% Machos Inos (ino ino) 25% Fêmeas Normais (ino ⁺ w) 25% Fêmeas Inos (ino w)
Macho portador de Ino (ino ⁺ ino) × Fêmea Normal (ino ⁺ w)	25% Machos portadores de Ino (ino ⁺ ino) 25% Machos Normais (ino ⁺ ino ⁺) 25% Fêmeas Normais (ino ⁺ w) 25% Fêmeas Inos (ino w)
Macho Normal (ino ⁺ ino ⁺) × Fêmea Ino (ino w)	50% Machos portadores de Ino (ino ⁺ ino) 50% Fêmeas Normais (ino ⁺ w)
Macho Ino (ino ino) × Fêmea Ino (ino w)	50% Machos Ino (ino ino) 50% Fêmeas Ino (ino w)